

Identidade: um retrato da vida na contemporaneidade

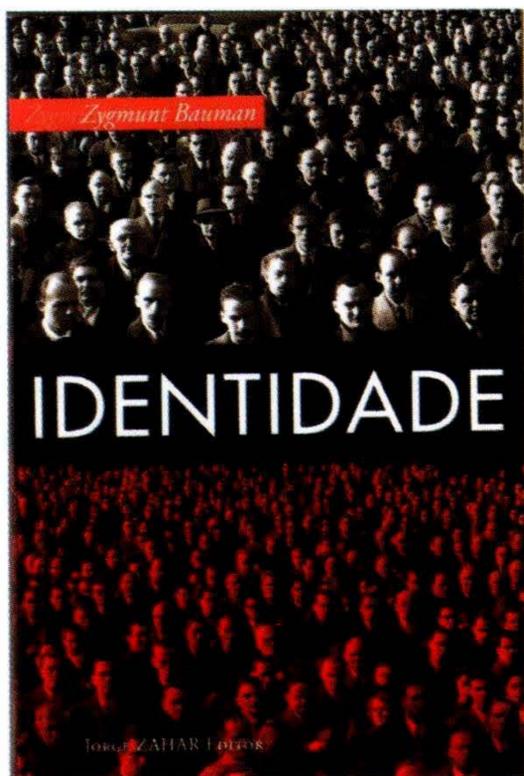
Rita de Cássia Souza Leal*

*Mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ.

Resenha do livro: *Identidade*, de BAUMAN, Zygmunt – Rio de Janeiro:

Jorge ZAHAR Editora, 2005, 112 páginas.

ritaleal@uol.com.br



Hoje, mais do que nunca, refletir sobre o tempo presente demanda a elaboração de análises que buscam dar conta, em alguma medida, dos processos mais amplos de mudanças que erodem as antigas crenças modernas e colocam a noção de identidade em questão. Do iluminismo à modernidade vigorou a idéia de nós próprios como sujeitos integrados, donos de uma identidade fixa, essencial, contínua e consistente. Na sociedade

atual, a identidade se configura como uma construção socialmente necessária, inconclusa, que precisa ser constantemente reinventada a partir do zero ou das escolhas entre as alternativas disponíveis no mundo globalizado.

A “modernidade líquida” coloca a identidade em um processo de transformação que provoca fenômenos diversos, a exemplo da crise do multiculturalismo, quando este se revela uma declaração de indiferença, uma recusa a fazer julgamento e assumir uma posição; o fundamentalismo religioso quando, na defesa da fé, oferece um senso de propósito para uma vida (ou morte) significativa; ou as comunidades virtuais da *Internet*, onde as identidades são criadas para usar e exibir, não para armazenar e manter, afirma Zygmunt Bauman em seu livro *Identidade*, publicado no Brasil pela editora Zahar, como parte das comemorações do aniversário de 80 anos do renomado sociólogo polonês.

RESENHA DE LIVROS

INES

ESPAÇO

JAN-DEZ/06

176

Neste trabalho, fruto de uma entrevista concedida ao jornalista italiano Benedetto Vecchi, o teórico retoma algumas questões centrais do seu pensamento sociológico: dentre elas, as muitas conseqüências para a identidade da “modernidade líquida”, termo anteriormente cunhado por Bauman para falar da fragmentação das relações, desde a vida em sociedade aos relacionamentos amorosos.

O autor defende que a questão da identidade não pode mais ser tratada pelos instrumentos tradicionais de entendimento. Hoje, faz-se necessário desenvolver uma reflexão mais apropriada ao dinamismo do transitório, que se impõe sobre o perene. Nas condições fluidas do mundo atual, a idéia de identidade carrega, em si, um paradoxo, na medida em que ela aponta tanto para a busca de pertencimento a um grupo, como para a emancipação individual. Nesse sentido, a busca pela identidade se dá sempre sob a pressão de duas forças antagônicas, que conduzem a direções opostas: a da entrega absoluta, e a da individualidade absoluta. Como a entrega absoluta faz desaparecer todo aquele que dela se aproxima, ao mesmo tempo em que a individualidade absoluta é inatingível, podemos entender que ambas se

tornam inconciliáveis. Por esse motivo, o caminho para a identidade é permeado por lutas intermináveis entre o desejo de liberdade e o desejo de segurança, caminho, ainda por cima, assombrado pelo medo da solidão e o pavor da impotência. “Por esse motivo, a ‘guerra pela identidade’ é sempre sem conclusão e é, provavelmente, uma guerra sem vencedores, embora a ‘causa da identidade’ possa continuar a ser ostentada”.

Nesse primoroso diálogo teórico, Bauman lança mão do seu usual brilhantismo para ressaltar que, quando nos deparamos com as incertezas e as inseguranças da “modernidade líquida”, nossas identidades sociais, culturais, profissionais, religiosas e sexuais sofrem um processo de transformação contínua. Isso nos leva a estabelecer relações transitórias e fugazes e faz com que soframos as angústias inerentes a essa situação. A confusão atinge os valores, mas também as relações afetivas: “Estar em movimento não é mais uma escolha: agora se tornou um requisito indispensável”, afirma Bauman. Sob essa ótica, o processo de construção da identidade nada mais é que um retrato, ainda que desfocado, da vida na contemporaneidade.